

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS
UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE INHUMAS
CURSO - BACHARELADO EM PSICOLOGIA

DIOGO SANTANA RIBEIRO REZENDE

**NARCISISMO E A CONSTRUÇÃO DAS MASCULINIDADES: possíveis
correlações refletidas na manosphere**

INHUMAS - GO
2024

DIOGO SANTANA RIBEIRO REZENDE

NARCISISMO E A CONSTRUÇÃO DAS MASCULINIDADES: possíveis correlações refletidas na mansphere

Artigo apresentado como trabalho de conclusão de curso para obtenção do título de Bacharel em Psicologia, pela Universidade Estadual de Goiás – Unidade Universitária de Inhumas, sob orientação da professora Natacha Katuscia dos Santos Desingrini, e coorientação de André Alvares Usevicius.

TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAR PRODUÇÕES TÉCNICO-CIENTÍFICAS NO REPOSITÓRIO INSTITUCIONAL DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS

Embasado na Lei Federal nº 9.610, de fevereiro de 1998, e na qualidade de titular dos direitos autorais, AUTORIZO, a Universidade Estadual de Goiás (UEG) a disponibilizar gratuitamente o documento em formato digital no Repositório Institucional da UEG (Ri/UEG), regulamentado pela Resolução CsU nº 1107/2023, sem ressarcimento de direitos autorais, em consonância com a permissão assinada abaixo, para fins de leitura, download e impressão, a título de divulgação da produção científica na UEG, a partir desta data, sendo assegurado o direito ao embargo temporário da publicação em sua totalidade, à exceção dos metadados, no repositório em razão de patente ou publicação de livro e/ou artigo científico.

1. IDENTIFICAÇÃO DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA

- | | |
|---|--|
| <input type="checkbox"/> Monografia (graduação); | <input checked="" type="checkbox"/> Artigo científico; |
| <input type="checkbox"/> Relatório técnico; | <input type="checkbox"/> Capítulo de livro |
| <input type="checkbox"/> Plano de negócios; | <input type="checkbox"/> Livro |
| <input type="checkbox"/> Revisão de literatura; | <input type="checkbox"/> Projeto de Software |
| <input type="checkbox"/> Produto técnico e educacional - Tipo: _____. | |

Nome completo do autor: Diogo Santana Ribeiro Rezende .

Matrícula: 22018000697 .

Título do trabalho: NARCISISMO E A CONSTRUÇÃO DAS MASCULINIDADES:
possíveis correlações refletidas na manosphere.

Curso / Programa: Psicologia .

Câmpus / Unidade / Polo: Unidade Inhumas .

Data de defesa: 19 / 06 / 2024 .

2. RESTRIÇÕES DE ACESSO AO DOCUMENTO

Os casos de restrição de acesso, previstos em regulamento, poderão ser embargados por um período de até 12 (doze) meses a partir da data de defesa. Havendo justificativa o período poderá ser prorrogado por até 12(doze) meses dependendo de solicitação formal por parte do autor, em formulário específico, e deferimento do pleito pela sua Coordenação de curso.

2.1 O documento está em processo de solicitação de registro de patente?

SIM; NÃO

2.2 O documento será publicado como capítulo de livro?

SIM; NÃO

2.3 O documento está em processo de submissão de artigo em revista científica?

SIM; NÃO

3. DECLARAÇÃO DE DISTRIBUIÇÃO NÃO-EXCLUSIVA

O(a) referido(a) autor(a) declara que:

- A produção científica especificada é fruto de seu trabalho intelectual de forma original e por isso, detém os direitos autorais da produção técnico-científica e não fere os direitos autorais de terceiros (pessoa ou entidade), tanto quanto lhe é viável saber.

- Existindo material/informação/dado do qual não detém os direitos de autor, assegura que conquistou a autorização do detentor dos direitos de autor para outorgar à Universidade Estadual de Goiás, os direitos requeridos por esta licença, e reitera que os materiais de terceiros estão claramente identificados/citados/referenciados no conteúdo do documento submetido.
- Caso o documento entregue seja baseado em trabalho apoiado ou financiado por outra instituição que não a Universidade Estadual de Goiás, cumpriu todas as exigências do respectivo acordo ou contrato e, portanto, não há embaraço na disponibilização.
- Está ciente do Regulamento do Repositório Institucional da UEG aprovado pela Resolução CsU nº 1107/2023.

Inhumas , 01 / 07 / 2024

Local

Data



Documento assinado digitalmente
DIOGO SANTANA RIBEIRO REZENDE
Data: 05/07/2024 20:21:48-0300
Verifique em <https://validar.it.gov.br>

Assinatura do autor(a)

Nome completo do autor(a)

Assinatura do orientador(a)

Nome completo do orientador(a)

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da UEG
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

R467n Rezende, Diogo Santan Ribeiro
 NARCISISMO E A CONSTRUÇÃO DAS MASCULINIDADES:
 possíveis correlações refletidas na manosphere / Diogo
 Santan Ribeiro Rezende; orientador Natacha Katiuscia
 dos Santos Desingrini; co-orientador André Alvares
 Usevicius. -- Goiânia, 2024.
 29 p.

 Graduação - Psicologia -- Unidade de Inhumas,
 Universidade Estadual de Goiás, 2024.

 1. Narcisismo. 2. Masculinidade. 3. Manosphere. 4.
 Psicanálise. 5. Redpill. I. Katiuscia dos Santos
 Desingrini, Natacha , orient. II. Alvares Usevicius,
 André, co-orient. III. Título.

DIOGO SANTANA RIBEIRO REZENDE

**NARCISISMO E A CONSTRUÇÃO DAS MASCULINIDADES: possíveis correlações
refletidas na mansphere**

Artigo apresentado como trabalho de conclusão de curso para obtenção do título de Bacharel em Psicologia, pela Universidade Estadual de Goiás – Unidade Universitária de Inhumas.

Aprovado em 19, de junho, de 2024, pela banca examinadora constituída pelos professores:

Natacha Katiuscia dos Santos Desingrini

Orientadora - UEG

Professor Me. André Alvares Usevicius

Coorientador – UEG

Professor Me. Robson Luís de Araújo

Avaliador – UEG

Professora Esp. Stéphaney Gutierrez Costa Ferreira

Avaliadora – UEG

INHUMAS – GO

2024

SUMÁRIO

1. RESUMO.....	10
2. INTRODUÇÃO	11
3. O NARCISISMO SEGUNDO FREUD.....	12
4. APÓS O NARCISISMO PRIMÁRIO	16
5. AS MASCULINIDADES E A <i>MANOSPHERE</i>	18
6. TEORIA DA CASA-DOS-HOMENS	23
7. MODOS DE AGIR DA <i>MANOSPHERE</i>	24
8. CONCLUSÕES SOBRE AS RELAÇÕES ENTRE O NARCISISMO, MASCULINIDADE E A <i>MANOSPHERE</i>	25
9. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	28
10. REFERÊNCIAS.....	29

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

MGTOW	Men Going Their Own Way
PUA	Pick Up Artists
TRP	The Red Pill

NARCISISMO E A CONSTRUÇÃO DAS MASCULINIDADES: possíveis correlações refletidas na *manosphere*¹

NARCISSISM AND THE CONSTRUCTION OF MASCULINITIES: possible correlations reflected in the *manosphere*

DIOGO SANTANA RIBEIRO REZENDE²

RESUMO

A *manosphere* se trata de um universo composto por subgrupos de ideologia masculinista, como The Red Pill, Incels, Men Going Their Own Way e Pick Up Artists. Esses grupos obtiveram um crescimento no meio virtual a partir de fóruns anônimos, e nos últimos anos vem ganhando atenção em redes sociais mais populares. Nesse contexto, o presente trabalho busca propor uma leitura sobre as possíveis correlações entre os homens adeptos de ideologias masculinistas, a construção da masculinidade e o conceito Freudiano de Narcisismo. Para isso, foi realizada uma pesquisa bibliográfica acerca do contexto histórico das masculinidades e da estrutura da *manosphere*, além de discorrer sobre as ideias relacionadas ao processo do Narcisismo, segundo a Psicanálise. Foram apontadas possíveis relações entre a forma que se estrutura o Narcisismo dos homens modernos e as ações tomadas na *manosphere*. Observada uma reação à ferida narcísica causada pelo avanço de pautas progressistas que propõem uma desconstrução da masculinidade hegemônica na sociedade atual.

Palavras-chave: Narcisismo; Psicanálise; masculinidade; *manosphere*; *the red pill*; *incel*.

RESUME

The *manosphere* is a universe composed by subgroups with masculinist ideology, such as The Red Pill, Incels, Men Going Their Own Way and Pick Up Artists. These groups have grown online through anonymous forums, and in recently have been gaining attention on popular social networks. In this context, the present work seeks to propose a reading of the possible correlations between men who have masculinist ideologies, the construction of masculinity and the Freudian concept of Narcissism. To this end, a bibliographical research was carried out on the historical context of masculinities and the structure of the *manosphere*, in addition to discussing the ideas related to the process of Narcissism, according to Psychoanalysis. Possible relations were pointed out between the way in which Narcissism is structured in modern men and the actions taken in the *manosphere*. A reaction to the narcissistic wound caused by the advancement of progressive agendas that propose a deconstruction of hegemonic masculinity in today's society was observed.

Key words: Narcissism; Psychoanalysis; masculinity; *manosphere*; *the red pill*; *incel*.

¹ Artigo apresentado como Trabalho de Conclusão de Curso, à banca examinadora como exigência para obtenção do grau de Bacharel em Psicologia, na Universidade Estadual de Goiás.

² Graduando em Psicologia. Universidade Estadual de Goiás - UEG. E-mail: dioogosrr@gmail.com.

INTRODUÇÃO

A *manosphere* (machosfera) se trata de um aglomerado de grupos e subgrupos masculinistas guiados por ideais ultraconservadores e discursos que favorecem a manutenção da hegemonia masculina hetero-cis-nomativa atuante na sociedade. Sendo assim, se posicionam como anti-feministas e a favor do que chamam de direitos dos homens. Esses grupos começaram a surgir entre as décadas de 70 e 80, e cresceram nas últimas décadas ao encontrar o meio de comunicação perfeito para seus membros, fóruns online que os possibilitam atuar em total anonimato. Mais recentemente, sites como *Reddit* e *4chan*, que adotaram políticas atrativas para esse público, possibilitaram o fortalecimento desses grupos masculinistas por tornar aceitável a discussão de pautas que ferem os direitos humanos, incluindo planejamentos de ações nutridas pelo ódio fomentado no interior desses coletivos. Uma vez que, nesses ambientes permissivos criados pelas plataformas, houve a intensificação do discurso de que o homem está sofrendo em uma sociedade de privilégios femininos, utilizando-se de relatos de sofrimento individual para comover e atrair a identificação de novos membros (Zanello, 2018).

Nesse contexto, é estabelecida uma crença geral entre os grupos masculinistas de que o homem está tendo sua posição na sociedade atual rebaixada, e de certa forma sendo desonrado, em função do avanço de pautas progressistas, como o feminismo. Em função disso, são alimentadas as discussões nos fóruns online, que chegam a resultar em ataques violentos tanto virtuais quanto presenciais, em que se toma como alvos principais as mulheres e outras minorias.

Tendo em vista que os grupos masculinistas crescem em números, exposição e se radicalizam cada vez mais, este trabalho busca propor uma leitura sobre as possíveis relações do homem aliado à *manosphere* com a construção da masculinidade e o Narcisismo. Levando em conta a consideração de que tal ascensão masculinista pode ser uma consequência da criação de homens influenciados pelas masculinidades estabelecidas culturalmente, foi realizada uma pesquisa bibliográfica acerca do contexto histórico das masculinidades brasileiras e da estruturação da *manosphere*, além de nos debruçarmos sobre o conceito psicanalítico de Narcisismo.

Primeiramente, esclarecemos ideias em torno da teoria desenvolvida por Freud (1914) sobre o Narcisismo. Utilizando-se dessas, caminhamos no sentido de estabelecer uma relação com a identificação instaurada entre os homens e as ideias da *manosphere*. Identificação essa, forte ao ponto de motivar a adesão a grupos masculinistas, apontando assim, para uma das possíveis causas do crescimento da *manosphere* ocorrido nas últimas décadas.

Na teoria de Freud (1914), o Narcisismo é colocado como um dos pilares das estruturas psíquicas e influencia nos padrões de escolhas feitas pelo indivíduo ao longo de toda sua vida. Logo, consideramos fundamental a compreensão desse tipo de estrutura construída desde a infância, para que possamos entender as relações estabelecidas por homens ao longo da vida, assim como as reações observadas quando são retirados dos lugares que acreditam ser deles.

Em seguida, delimitamos a *manosphere* e seus subgrupos para que se tenha a compreensão da ideologia adotada por eles, assim como de sua relação com o que não faz parte do modelo masculino ideal colocado por eles. Assim, elucidando como estão intimamente ligados à concepção de masculinidade hegemônica e como suas ações coordenadas, impulsionadas pelo ódio produzido ao se depararem com a desconstrução do lugar hegemônico ocupado pelos homens até então, podem ser vistas como sintoma de uma ferida narcísica.

Posteriormente, traçamos um breve panorama histórico da construção da masculinidade focando no contexto brasileiro, desde o período colonial até os tempos atuais. Pois, observando a construção da masculinidade de forma crítica, podemos perceber a influência desta na estruturação psíquica masculina e como é refletida no contexto da *manosphere*. Em função disso, atentando-se para as influências tanto da masculinidade europeia colonizadora quanto da masculinidade de outros países contemporâneos dos dias atuais, uma vez que o contato das comunidades masculinistas com pessoas do mundo inteiro é viabilizado pela internet e constantemente feito. Considerando a frequência desse contato internacional, entendemos que a identificação existe em uma via de mão dupla entre brasileiros e homens de outros lugares do mundo. Portanto, há de se considerar fatores além dos sociais, observados em uma sociedade específica. É nesse sentido que recorreremos à estruturação do funcionamento psíquico fundado pela Psicanálise.

1. O NARCISISMO SEGUNDO FREUD

Quando nos colocamos a discutir Narcisismo, estamos tratando de movimentos libidinais e da forma se dá seu direcionamento. Para isso, iremos nos basear principalmente na pesquisa de Freud documentada em Introdução ao Narcisismo, de 1914. Em que o próprio contextualiza o uso do termo, já que alguns autores utilizaram “narcisismo” anteriormente a 1914, como Binet e Paul Näcke. Estes autores tiveram como referência o mito de Narciso, que conta a história de um belo e vaidoso jovem, o qual rejeitava diversas pretendentes, e se apaixona pela própria imagem refletida em um lago, nunca mais conseguindo parar de olhar para si mesmo e morrendo afogado ao tentar alcançar seu reflexo na água. Utilizando-se da fábula, “Binet foi, sem sombra de dúvidas, o primeiro a relacionar a figura de Narciso a uma

descrição de fetichismo, colocando em questão a possibilidade do sujeito fetichista se ver como um objeto de satisfação para si mesmo” (Martins, 2023, p. 19-20). Relação parecida a utilizada por Paul Näcke em 1899, para se referir ao mito de Narciso para classificar o quadro clínico raro em que o indivíduo tinha seu próprio corpo como objeto sexual, tocando-o e acariciando-o com prazer sexual. Nesse mesmo sentido, o termo derivado do conto de Narciso foi frequentemente relacionado, por pesquisas realizadas na década seguinte, ao autoerotismo.

Apenas algumas décadas mais tarde Freud (1914) se dedica a articular o conceito em seus estudos psicanalíticos, resgatando o termo do contexto citado. Apesar de considerar brevemente o termo em alguns textos anteriores, Freud discorreu mais amplamente em “Introdução ao Narcisismo” de 1914, quando o articula no contexto psicanalítico relacionando-o ao desenvolvimento infantil e aos investimentos libidinais. No raciocínio dele, é colocado que o narcisismo é uma importante etapa no processo de constituição do *Eu*, uma vez que estava posta a ideia de que não nascemos com o *Eu* constituído, como observado no trecho:

“É uma suposição necessária, a de que uma unidade comparável ao *Eu* não existe desde o começo no indivíduo; o *Eu* tem que ser desenvolvido (...) então deve haver algo que se acrescenta ao autoerotismo, uma nova ação psíquica, para que se forme o narcisismo.” (Freud, 1914, p. 13)

Portanto, são necessários processos para que haja a humanização desse bebê que partirá primeiramente na interação com a mãe ou seu cuidador primário. E com isso, haverá um movimento libidinal que terá como resultado a estrutura psíquica do *Eu*. É no decorrer desse desenvolvimento que o bebê perceberá que tem um corpo e que é um indivíduo distinto de seu cuidador, dando início à construção de suas estruturas psíquicas e sua imagem. Nesse sentido, é necessário ressaltar que todas as pessoas passam pelo narcisismo primário, mas este não se resume a apenas um estágio que se é passado. O narcisismo se mantém como um reservatório libidinal, além de moldar traços estruturais da personalidade de cada pessoa.

“Dessa construção inicial, que serve de base para a formação da imagem do *Eu*, parte a evolução das escolhas objetais da criança em sua vida adulta. Na origem há, para a criança, dois objetos (...), a mãe e a si mesmo. É, assim, pela relação que se estabelece com esses objetos, que se constrói os modos de amar na vida adulta.” (Martins, 2023, p. 22)

Em suma, é através do contato com a mãe, ou cuidador primário, que o sujeito irá desenvolver a imagem do *Eu*, sua autoestima, sua forma de se relacionar com o outro, além de influenciar em suas escolhas objetais dali em diante. Ou seja, esse movimento inicial do narcisismo terá papel decisivo nas formas de amar e quem o indivíduo escolherá para direcionar

seu amor no decorrer da vida. Dito isso, fica clara a importância fundamental deste processo de desenvolvimento para refletirmos sobre o tema em questão.

“Dizer que o narcisismo é constitutivo do Eu, representa dizer que em algum ponto do desenvolvimento da libido, naquilo que se diferencia como uma libido narcísica, uma movimentação acontece e como fruto desse próprio movimento, nasce a estrutura que reconhecemos como Eu.” (Martins, 2023, p. 22)

A movimentação que ocorre durante essa fase do desenvolvimento é um grande foco de Freud (1914), visto que a dinâmica dos investimentos libidinais tem larga relação com o narcisismo, influenciando em grande parte do processo e dos resultados que permanecerão durante a vida adulta. Assim, após o narcisismo primário, o autor chega a uma noção de dualidade da libido, sendo dividida em libido do eu e libido objetal, no sentido de investimento no próprio eu e investimento no objeto. Em outras palavras, a libido é uma energia que está ligada à noção de amor, ou para onde o amor é direcionado, para o *Eu* ou para o objeto no mundo externo.

“Notamos apenas as emanções dessa libido, os investimentos de objeto que podem ser avançados e novamente recuados. Enxergamos também, em largos traços, uma oposição entre libido do Eu e libido de objeto. Quanto mais se emprega uma, mais empobrece a outra.” (Freud, 1914, p. 12)

Esse raciocínio colaborou para a elaboração de ideias sobre os direcionamentos e redirecionamentos de libido, que são estruturados em cada indivíduo a partir do narcisismo primário, onde uma dinâmica será estabelecida e mantida como estrutural no *Eu*. Assim, abriu-se caminho para a ideia de narcisismo secundário, pensando em movimentos libidinais entre o Eu e o objeto. Isto é, quando há a retirada da libido que está sendo direcionada ao objeto, voltando-a para o *Eu*, se tem o narcisismo secundário. Sendo diferencial a quantidade de libido direcionada.

Anterior ao narcisismo secundário, o processo do narcisismo como estruturação do Eu se inicia no narcisismo primário. Este que pode ser definido como um período em que o bebê ainda está direcionando toda sua libido para o próprio corpo, uma vez que nesse estágio não se tem a divisão clara entre o que é o *Eu* e o que não é. Fase essa nomeada por Freud (1914) como autoerotismo. Ou seja, neste momento o bebê ainda não percebe sua mãe como outra pessoa e a considera como parte de si mesmo, assim como considera que ele mesmo produz o leite que satisfaz sua fome. É uma fase em que não se enxerga objetos, portanto, não se direciona libido objetal. Nessa conjuntura, o bebê detém um sentimento de onipotência (potencializado pela ação dos pais) em que considera tudo que vê à sua volta sendo parte dele mesmo ou uma extensão de si que tem como função satisfazer seu desejo.

Neste período, percebe-se o narcisismo dos pais revivido. O que é muitas vezes confundido com um amor incondicional em relação ao bebê, como destaca Freud (1914, p. 25-26): “O amor dos pais, comovente e no fundo tão infantil, não é outra coisa senão o narcisismo dos pais renascido, que na sua transformação em amor objetal revela inconfundivelmente a sua natureza de outrora”. Nesse contexto, o filho é tratado como um pequeno rei, chamado de His Majesty The Baby (vossa majestade o bebê), da mesma forma que os pais tinham a si mesmos, quando em seus narcisismos primários, uma pequena realeza. Após passar por essa fase do desenvolvimento, tal momento em que o bebê se sente o centro de tudo, onipotente, o momento em que o Eu está mais próximo do seu desejo, e com menos conflitos, deixa a lembrança de um sentimento o qual ele sempre irá querer voltar. A sensação de que sempre que demandava por alimento, ao sentir fome, se tinha o seio materno disponível para satisfazer suas necessidades de forma completa, é a representação mais próxima do estado ao qual seu psiquismo quer retornar. Assim, a busca de retornar para esta sensação será constante e se estabelecerá o objetivo de ser amado pelo outro a ponto de que este satisfaça suas necessidades da forma que eram satisfeitas quando se sentia um pequeno Rei.

Há um conjunto de expectativas depositadas no bebê que serão percebidas, interpretadas e introjetadas por ele. Isto é, falas manifestadas pelos pais irão dizer ao bebê quem ele é, e as partes introjetadas pela criança irão ditar a construção de um *Eu ideal*. Melhor dizendo, a fim de satisfazer tais expectativas é formado o *Eu ideal*. Neste contexto, estará presente o intuito de retornar ao sentimento de suficiência plena. O *Eu ideal* consiste em uma imagem ideal de si mesmo, formado a partir das expectativas depositadas por seus pais e pela sociedade, que uma vez alcançado, cessaria suas angústias, seu desamparo. Pode-se dizer então, que nesta dinâmica do *Eu ideal* nos colocamos no lugar de objeto e o outro no de sujeito, por se ter a ideia de ser algo que o outro diz.

Ainda contida na explicação sobre narcisismo, além do *Eu ideal*, formado a partir do narcisismo dos pais, como já fora citado, Freud (1914) traz o *ideal de Eu*, que também se forma com influências socioculturais, com a presença marcante da figura paterna. Nessa fase, a criança começa a perceber a separação entre seu corpo e o da mãe. Portanto, a figura paterna entra em cena passando a mensagem de o que o sujeito “deve ser”. A presença desse outro e suas demandas terá seus efeitos, como observamos na explicação de Freud (1914, p. 33):

“O desenvolvimento do Eu consiste num distanciamento do narcisismo primário e gera um intenso esforço para reconquistá-lo. Tal distanciamento ocorre através do deslocamento da libido para um ideal do Eu imposto de fora, e a satisfação, através do cumprimento desse ideal.”

A partir deste excerto, podemos entender dois pontos presentes no processo de formação do *ideal do Eu*: O primeiro ponto é a percepção do início da divisão libidinal, ao ser o deslocamento de parte da libido do eu para a direção objetal, ou seja, para o *ideal do Eu* que é imposto de fora. A partir daí, se estabelecerá a divisão da libido entre objetal e do eu, mantendo-se de forma econômica, como em uma balança. Quanto mais se investe libido em uma direção menos se tem na outra direção; já o segundo ponto é o de que, enquanto gradualmente nos distanciamos do narcisismo primário, há uma constante recusa e vontade de retornar ao estado inicial. Dessa forma, é como se o indivíduo se recusasse a aceitar a perda daquela perfeição narcísica experimentada quando bebê e a buscasse novamente na forma deste novo *ideal de Eu*. Ainda levando em conta que “o que ele projeta diante de si como seu ideal é o substituto para o narcisismo perdido da infância, na qual ele era seu próprio ideal” Freud (1914, p. 27-28), podemos concluir que no narcisismo a insistência é pela busca da perfeição experimentada anteriormente.

Dessa forma, é entendido que o *Ideal do Eu* se mantém como o *Eu* a ser atingido pelo sujeito, porém nunca será alcançado. E por ser inalcançável, estará sempre apontando e expondo a falta no sujeito, já que este não será como o ideal colocado. Na busca de alcançar esse ideal, aumenta-se as exigências do *Eu*, e com isso a repressão sobre o que não condiz com tal ideal. Consequentemente, acaba favorecendo o fenômeno da “coerência narcísica”, em que o sujeito afasta de si tudo que possa o diminuir e frustrar sua libido do *Eu*, além de também influenciar no estabelecimento de identificações na sociedade, que irão criar modelos como os de masculinidade que iremos trabalhar mais adiante.

Pode-se considerar o *ideal de Eu* como um modelo o qual se deve ser para que atinja as expectativas dos outros, com uma dose de imposição. Somado a isso, entende-se que “para o *Eu*, a formação do ideal seria a condição para a repressão” (Freud, 1914, p. 27), o que reforça o caráter impositivo presente após o estabelecimento de um ideal. Seguindo com essas características, posteriormente o *ideal de Eu* dará lugar à estrutura psíquica do *Supereu*.

2. APÓS O NARCISISMO PRIMÁRIO

Após a fase do narcisismo primário, nos desprendemos aos poucos da libido do *Eu* e passamos a dividi-la rumo à direção objetal. Portanto, mantém-se o contato entre *Eu* e narcisismo, assim como se mantém a dualidade da libido. Como numa balança, ora essa energia está mais direcionada para os objetos e menos para o *Eu*, ora está mais para o *Eu* e menos para os objetos. Este movimento da libido é influenciado pela forma que se deu o narcisismo primário da pessoa em sua infância. É nesse sentido que apontamos o papel do narcisismo

como estruturador do *Eu* de todo indivíduo, já que posteriormente, o direcionamento de sua energia libidinal determinará em qual medida ele se desprende do *Eu* e se direciona ao objeto presente na realidade externa.

Ao investir sua libido na direção objetal ele não encontrará a satisfação completa de suas necessidades, e assim o indivíduo perceberá a existência de outro. Ou seja, por meio da frustração de suas expectativas que não eram negadas quando no primeiro instante do narcisismo primário, é comunicada a existência de alguém além de si mesmo, que não possui a única função de satisfazer as suas necessidades, assim como a existência de regras sociais. Dessa maneira, o bebê começa a entender a existência de uma realidade externa. O bebê, que antes era tratado como uma majestade, tendo seus desejos atendidos, é contrariado e perde o posto soberano, surgindo a primeira ferida no narcisismo. Ao perder o lugar de “vossa majestade o bebê”, ele irá caminhar para a segunda etapa do narcisismo, chamado de narcisismo secundário ou narcisismo do ego. Nesse ponto, percebe-se como a libido é retirada do objeto e retornada ao *Eu*, baseada em identificações instituídas com suas figuras parentais ou seus equivalentes.

Posteriormente, a busca para atender o ideal construído será constante, o que causará frustração ao indivíduo e tensões no aparelho psíquico. Um movimento inevitável, já que o único período em que o indivíduo não tem seus desejos frustrados é de quando está no útero até o fim de seu narcisismo primário. Sendo assim, após esse momento o aparelho psíquico está constantemente sendo tensionado por meio de contradições, causando angústias e movimentando o ser pela sua falta. A falta de ser o que gostaria de ser, o que considera que deveria ser, e a falta de ser o que um dia já foi. Todas essas faltas com motivações diferentes, o faz com que sejam traçados objetivos diferentes na busca de suprir cada uma delas. No narcisismo, se tem a falta de ser vossa majestade o bebê e a busca por atingir um ideal em que se almeja recuperar as atenções e o amor dos outros que um dia foi todo direcionado a si.

Compreendendo essa estruturação psíquica, podemos pensar no que Freud (1914) traz sobre a atração e admiração por sujeitos que aparentam manter a dimensão do narcisismo primário intacta, algo faltante na maioria das pessoas e que se torna atraente. É o caso da atração a bebês, em que é confundida com “amor incondicional” paterno, assim como a atração por outras figuras que demonstram direcionar sua libido majoritariamente para o *Eu* e não dividir esta energia direcionando-a para a direção objetal. Isto é, figuras atraentes para nosso narcisismo frequentemente são as que não demonstram seus narcisismos feridos.

“Pois parece bem claro que o narcisismo de uma pessoa tem grande fascínio para aquelas que desistiram da dimensão plena de seu próprio narcisismo e estão em busca

do amor objetal; a atração de um bebê se deve em boa parte ao seu narcisismo, sua autossuficiência e inacessibilidade, assim como a atração de alguns bichos que parecem não se importar conosco, como os gatos e os grandes animais de rapina; e mesmo o grande criminoso e o humorista conquistam o nosso interesse, na representação literária, pela coerência narcísica com que mantêm afastados de seu Eu tudo o que possa diminuí-lo.” (Freud, 1914, p. 23).

Sendo assim, perfis de pessoas que se mostram dessa forma muitas vezes podem ser colocados como ideal, por gerar essa admiração. O comportamento de autossuficiência e inacessibilidade desperta algo parecido com uma inveja dessa posição libidinal que um dia todos tiveram, mas abandonaram com o tempo. Admirar esse tipo de perfil fortalece o surgimento do fenômeno da coerência narcísica, já citado anteriormente. E conseqüentemente, aproxima de si as características que irão constituir o ideal a ser seguido. Nesse sentido, fica evidente como as comunidades masculinistas da *manosphere* estabelecem seus modelos de masculinidade no sentido de ser um homem que desfruta de poder e autoconfiança, sem que seja dependente de ninguém, principalmente de mulheres.

Portanto, tanto o narcisismo primário quanto o secundário farão parte do processo de constituição da personalidade. Conjuntamente, é constituída a autoestima do sujeito, como constatado por Araujo (2010), baseada em Freud. Entendendo que nesse período houve o desenvolvimento da autoestima a partir da interação com a mãe, ao sentir-se amado e reconhecido por aquele olhar. E que isso ditará, dali para frente, suas escolhas objetais e realizações. A autora sintetiza como foram considerados três tópicos que ditam a construção dessa autoestima, sendo eles: o resíduo do narcisismo infantil, a satisfação da libido objetal, e relações amorosas satisfatórias. Continuando, conclui que quando o indivíduo não consegue se sentir realizado, tende a investir grandemente no objeto que possui os aspectos que lhe são considerados faltantes e que tornariam seu ego ideal. Seguindo esse raciocínio, podemos pensar na forma com que muitos integrantes do grupo *The Red Pill (TRP)/Manosphere* almejam alcançar a imagem fantasiosa de homem *alpha*, o homem possuidor de características e personalidade perfeitas para completar as partes que faltam em si. Assim, a noção de que conseguiram ser o Eu idealizado se torna mais próxima a ponto de possibilitar a crença de que possuem as mesmas características do “homem *alpha*”.

3. AS MASCULINIDADES E A MANOSPHERE

Considerando o desenvolvimento psicosssexual e a estruturação elaborada pela Psicanálise de Freud (1914), nos debruçamos agora sobre estudos que pautam a construção das masculinidades contemporâneas, de modo a formar um paralelo com os movimentos

masculinistas da *manosphere* e compreender de que forma estes se posicionam quanto a sua masculinidade.

A *manosphere* se trata de um universo de subculturas masculinistas, e “se organiza em torno “do movimento de direitos dos homens” e dos anti-feminismos, mas curiosamente teve sua semente plantada na solidariedade dos homens acadêmicos estadunidenses com os estudos de gênero dos anos 1970 e 1980.” (Vilaça & D’andréa, 2021, p. 414). Após 1980 houve uma ruptura entre os que continuaram combatendo o sexismo e os que decidiram defender a masculinidade tradicional, a qual estaria sendo “ameaçada pelo feminismo”. O grupo que rompeu com os acadêmicos passou a se comunicar primariamente pelos blogs de internet, e se ocupava com discussões sobre a “misandria”, fruto do avanço do feminismo. Posteriormente esse grupo assumiu o nome de *manosphere*, derivado de blogosfera.

Expondo o que foi colocado por Vilaça e D’andréa (2021), a *Manosphere* é colocada como um ecossistema diverso, contendo subgrupos como os TRP, *Incels*, *Pick Up Artists* (PUAs), *Men Going Their Own Way* (MGTOW), entre outros. Ainda que haja algumas divergências entre eles, não se distanciam das ideias básicas nutridos de misoginia e supremacia branca. Tais valores misóginos e supremacistas vão de encontro com os estudos sobre constituição histórica das masculinidades realizados por Zanello (2018).

Para a contextualização histórica e contemporânea das masculinidades, seguiremos o raciocínio de Valeska Zanello (2018) em seus escritos de “Saúde mental, gênero e dispositivos: Cultura e processos de subjetivação”. Uma obra que contribui para a contextualização na contemporaneidade brasileira. Ela entende que as configurações do que é “ser homem” acompanham a noção de virilidade tida por cada cultura, podendo assim, serem modificadas com o passar dos anos.

É nesse sentido que falamos de “virilidades” no plural, pois são frutos das formas de vida e culturas de cada sociedade. Assim, entendemos que foram adquiridos novos sentidos de virilidades nas sociedades ocidentais, sendo importante nos atentarmos aos quatro pilares da virilidade masculina ocidental trazidos por Zanello (2018): as características culturais no mundo social; o embrutecimento dos próprios homens e controle de seus afetos e comportamentos; a inferiorização das mulheres; assim como a inferiorização dos homens que não se encaixam nos valores culturais de virilidade hegemônica daquele momento. Percebe-se a concordância com a ideia de coerência narcísica, ao atacar e afastar as mulheres e os homens que não se encaixam no modelo hegemônico. Comportamento semelhante também ao presente nas comunidades masculinistas da *manosphere*.

Os indivíduos que não ocupam o lugar de masculinidade hegemônica passam a ocupar um lugar de resistência e são agentes de uma tensão constante quando se há a contestação por seus coletivos, como destacado no trecho:

“as masculinidades marginalizadas, ainda que subordinadas, ocupam um lugar de tensão, seja pelo sofrimento que podem ressentir por não alcançar o ideal hegemônico, seja pela possibilidade de empoderamento e contestação desse ideal (como por exemplo, movimentos negros e, também, de homens gays)” (Zanello, 2018, p. 229)

Além do racismo, a misoginia e a homofobia que utilizadas como armas para contra-atacar os movimentos que causam essa tensão são fortemente reforçados no Brasil pelo cristianismo, uma vez que o sexismo se tornou cada vez mais marcante na definição da masculinidade e difundido em grande parte devido à influência crescente dos valores católicos. Zanello (2018) destaca as afirmações de Santo Agostinho que carregam valores semelhantes ao do catolicismo, onde ele colocava a noção de que a prostituição era um mal necessário para os homens, uma vez que serviria para uma “descarga espermática” e ainda “protegeria” a virgindade das mulheres “dignas” de se casar. Assim, para o homem é permitido gozar de forma espontânea, sem precisar renunciar seus prazeres, enquanto a função das mulheres seria satisfazer o desejo sexual deles. Assim, as mulheres passam a ocupar a posição de objeto e não de sujeito.

Levando em conta o padrão de comportamento colocado, mesmo tendo ao seu alcance todas as formas de prazer, a glória masculina só vinha à tona quando reconhecida pelos companheiros homens, e não pela parceira sexual. Como será discutido posteriormente, ao falarmos sobre o dispositivo de eficácia, quanto maior a fama de “comedor”, maior a glória deste homem. Portanto, se tem uma necessidade incessante de afirmação, que também foi notada como outra constante e se tornou um fardo para os homens, pois se tinha como necessário que o homem se provasse o mais forte, demonstrasse energia, coragem e virilidade, para manter sua honra, entendendo que “o sentimento da honra (a preservar), por parte dos homens, foi algo que circulou durante todo o século XIX” (Guillet, 2013 apud Zanello, 2018, p. 193-194).

Zanello (2018) expõe que tal sentimento de honra teve sua origem nas práticas de duelos e de guerras, porém se mantém até os dias atuais, criando outras competições, outros “duelos” simbólicos e materiais. Podemos citar os duelos contemporâneos como os instaurados no mundo do trabalho, onde o status e a remuneração conquistada por cada um define grande parte de sua virilidade, da mesma forma que carros e aviões passam a ser instrumentos de masculinidade por representarem sucesso financeiro e celebrarem ideias como velocidade,

aventura e tecnologia. Além deste ideal carregado durante os séculos, outro que se manteve foi o da ereção e performance ativa. Entende-se então, o caráter ativo do desses valores ligados à masculinidade, sendo o homem aquele que faz acontecer, provém e sustenta de todas as formas.

Essa necessidade de se “provar homem” e constantemente se reafirmar por meio de demonstrações de poder condizentes com seu contexto social é entendida como fruto da busca pelo ideal estabelecido no narcisismo. A necessidade de ser o ideal inalcançável não se cessa por estar sempre presente a incoerência entre seu Eu real e seu *Eu ideal*. Conduta essa bem evidente nas ações tomadas pelos grupos masculinistas.

Ao longo do tempo, diversos campos foram tidos como determinantes para demarcar a virilidade masculina, como as guerras, o trabalho, e performances sexuais. No Brasil, Zanello (2018) coloca que dois destes se mantiveram como âncoras identitárias do dispositivo de eficácia na masculinidade hegemônica brasileira atual, sendo eles o campo laboral e sexual, que não coincidentemente são os principais temas pautados pela *manosphere*. O campo da sexualidade se manteve como um fator de expressão da dominação e identidade do homem, assim como o campo laboral, que atingiu o lugar central de identidade para os homens, principalmente pelo avanço do capitalismo em nossa cultura.

A sociedade carregada dessa hegemonia masculina, passa a dar o aval para diversos comportamentos que poderiam “suprir” a necessidade considerada natural e inata dos homens. Dentre estes, se tinha a hipocrisia nos casamentos entre homens e mulheres, onde era socialmente aceitável que o homem tivesse parceiras fora do relacionamento, ao passo que este tipo de conduta era inadmissível para as mulheres, e foi classificada como “monogamia obrigatória para as mulheres e poligamia “consentida” para os homens (Lagarde, 2011 apud Zanello, 2018, p. 193). Assim, foi dado ao homem o direito de avaliar, comparar e classificar os corpos femininos, conduta mantida até os dias atuais. Dessa forma, entende-se a possibilidade de que a normalização de comportamentos dessa natureza acaba por introduzir tais costumes nas figuras introjetadas como ideais pelas crianças que convivem nesse contexto, influenciando no processo do Narcisismo estruturante do *Eu*.

Para desenhar a masculinidade no contexto brasileiro é preciso levar em conta a história do país e os processos que marcaram a produção da identidade de seu povo ao longo do tempo. Desta forma, devemos entender que o Brasil, por ter sido colonizado, perpetuou-se em grande parte valores europeus até os dias atuais. O que inclui, além da noção de virilidade explicada anteriormente, o valor do trabalho pago e o papel da atividade física, dos músculos e do controle do corpo, destaca Zanello (2018). Ademais, outro processo que marcou a história brasileira foram os anos de escravidão e seus desdobramentos. Como efeito, “se construiu a ideia,

racializada, de que ser bom (homem) negro era ser (bom) escravo” (Amantino & Freire, 2013 apud Zanello, 2018, p. 196). Portanto, ao passo que o homem negro recebe como aprendizado a necessidade de ser subserviente e reconhecer os direitos do “sinhô” branco, o homem branco exerce cada vez mais seu direito de gozar de seus prazeres e dominação, podendo utilizar a violência para alcançar a ideia de virilidade hegemônica estabelecida. Dessa forma, se perpetua o domínio do homem branco sobre homem negro, assim como o que se tem sobre as mulheres.

Outros pontos importantes destacados por Zanello (2018) são os de que, apesar da ascensão dos pensamentos individualistas, a fraternidade como forma de sociabilidade masculina se manteve servindo de ferramenta, como traz Haroche (2013), para manter a exclusão feminina. Assim pode-se observar nas comunidades online da *manosphere*, um distanciamento de mulheres, para que se estabeleça um grupo homossocial. Ou seja, a cumplicidade entre os homens foi e continua sendo um importante fator para a manutenção da dominação masculina, branca, hetero, e cis sobre os demais indivíduos na sociedade. Assim como o trabalho, que foi ligado ao padrão de masculinidade, viabilizando a função social de provedor assumida pelos homens, uma vez que a figura masculina nesta sociedade sempre ocupará o lugar de sujeito, de quem age.

A virilidade laborativa passou a ter grande valor com a consolidação do capitalismo, ao elevar-se o valor do trabalho como parâmetro de julgamento da honra e dignidade masculina. Isso teria forte relação com o sofrimento mental de muitos homens, já que “a dificuldade financeira é um conteúdo de maior vulnerabilidade psíquica para homens, justamente porque interpela pontos identitários culturalmente neles construídos/constituídos. A experiência é de desempoderamento e de se sentirem menos homens” (Zanello, 2018, p. 235). Ao se ter essa impossibilidade de prover, é provocada uma ameaça narcísica à masculinidade de um homem. Ou seja, o trabalho e o valor atribuído a este possuem um importante papel na masculinidade hegemônica, colocada como ideal, e portanto, ao se distanciar de seu ideal os homens começam a sintomatizar.

Falando do outro pilar identitário do dispositivo de eficácia, temos a virilidade sexual. Este ocupa um grande papel na comunidade TRP/*Incel*, uma vez que é marcado por um sentido positivo (produzir performances) e um negativo (ser interdito, execrado). Então o positivo seria o “homem de verdade”, sexualmente ativo, enquanto o negativo diz respeito à proibição de qualquer prazer ou experiência anal. Este último implica em uma série de comportamentos ligados à não penetração, seja essa penetração literal ou sentimental, já que o “homem de verdade” não deve ser emotivo, é intocável, controla seus sentimentos, e não chora. Assim se firma uma “impenetralidade” na masculinidade heteronormativa. Além disso, na virilidade

sexual o “verdadeiro” homem se faz valer pelo número de mulheres conquistadas e na duração/performance da transa. O que é um reflexo de ideia parecido com a presente na virilidade laborativa, que valoriza o desempenho e a performance.

4. TEORIA DA CASA-DOS-HOMENS

Os valores passados de forma geracional são cristalizados e cada vez mais difíceis de serem ressignificados. Nesse sentido, a metáfora descrita por Daniel Welzer-Lang (2001) descreve a forma com que se dá a homossociabilidade dentre os homens, onde se tem aprendizados, códigos, ritos, e segredos pertencentes somente a eles, na Casa-dos-homens. É interessante compreender esse tipo de estrutura construída desde a infância para que possamos entender as relações estabelecidas por homens ao longo da vida, assim como as reações observadas quando são retirados dos lugares que acreditam ser deles.

Portanto, Welzer-lang (2001) explana sobre alguns ritos de passagem, como quando os garotos começam a aprender a estar entre os homens, ou começam a jogar os esportes (tido como território masculino). No campo dos esportes, já pode-se enxergar os ensinamentos relacionados à misoginia, uma vez que o garoto inicia essa prática como meio de se diferenciar das mulheres e não ser uma “mulherzinha”. Nesse contexto, são frequentes exemplos claros, como o estranhamento e hostilidade contra mulheres que tentam adentrar o território considerado deles.

Entende-se que os ensinamentos vêm frequentemente de forma não dita, por mimetismo, segundo a teoria de Welzer-Lang (2001). E o mimetismo dos homens está ligado à violência, seja ela contra si mesmo ou direcionada aos outros. Portanto, contido no conjunto de ensinamentos passados dos homens mais velhos para os homens mais novos estão não demonstrar sofrimento/emoções, se distanciar das características femininas, e demonstração de força/violência. Pontos que criam uma identidade masculina, produzindo um sentimento de união, possibilitando o estabelecimento de um pacto de proteção dos seus iguais e autorizando ataques aos diferentes.

A casa-dos-homens é ilustrada tendo cômodos que podem ser acessados conforme este garoto vai se tornando um homem. Nestes cômodos, alguns são designados a determinadas faixas etárias, tendo corredores e ambientes em que se encontram. Os homens mais velhos ocupam papéis como: irmão mais velho; modelo masculino a ser seguido, como pedagogos, monitores de esporte, padres, chefes de escoteiros; ou até mesmo não estando presentes fisicamente, mas passando uma mensagem, como artistas, cantores, poetas, dentre outros (Welzer-Lang, 2001).

Compreendemos que o conceito de casa-dos-homens é constante nas diferentes culturas e sociedades, embora a forma que se dá essa casa seja variável. Ou seja, percebe-se características constantes assim como variações nas masculinidades de diferentes contextos. Todavia, entendemos que “o masculino é, ao mesmo tempo, submissão ao modelo e obtenção de privilégios do modelo” (Welzer-Lang, 2001, p. 464).

Dentro do conceito está de forma central uma submissão dos novatos ao modelo e a obtenção dos privilégios que este os traz. Ou seja, o homem “herda” os privilégios que vêm com a construção social do masculino ao se assumir como homem. Nesse sentido, ainda segundo Welzer-Lang (2001), os homens que não mostram sinais redundantes de virilidade estarão associados a mulheres ou ao seu equivalente simbólico: homossexuais. Portanto, a dominação dentro da casa-dos-homens produz homofobia para ser utilizada como uma forma de ameaça aos homens que não se submetem ao modelo de dominação dito como normal. O objetivo é conservar a noção tradicional do que é homem.

5. MODOS DE AGIR DA MANOSPHERE

Semelhante ao que ocorre na casa-dos-homens, nos grupos da *manosphere* pode-se observar as ações que são coordenadas e encorajadas entre eles. Se trata de ataques planejados na direção de afirmar a dominação masculina e ridicularizar o diferente, podendo chegar em atos extremos como massacres em massa, sempre utilizando de justificativas conservadoras. Massanari (2017) destaca algumas dessas ações que podem ser utilizadas aqui para exemplificar um pouco das condutas e formas de agir destes grupos. O primeiro caso, chamado de “*The Fapping*”, se trata de um evento criado por membros da *manosphere* para divulgar imagens íntimas de celebridades ilegalmente adquiridas, principalmente em sites como *Reddit* e *4chan*, onde tal ação também era discutida e planejada. Sendo facilmente percebida a intenção de ridicularizar mulheres que alcançaram uma posição de prestígio social. O segundo exemplo diz respeito à hashtag *#Gamergate*, inicialmente utilizada por pessoas infelizes com a falta de ética entre jornalistas do meio de jogos eletrônicos, se tornou uma campanha de ataques sistemáticos contra mulheres e outras minorias. Em suma, analisando os casos e a filosofia utilizada pelo grupo, fica claro que os ataques sempre são direcionados a mulheres (principalmente) e a outras minorias, frequentemente mirando suas participações na vida pública.

Pensando na metodologia observada nos ataques coordenados, Ging (2017) conclui que estas ações são planejadas baseadas no raciocínio de que se as mulheres não conseguirem trabalharem, se apresentarem, ou argumentarem sobre gênero na internet sem que tenham os

ataques dos grupos masculinistas, a perspectiva para a igualdade de gênero e democracia geral se tornam vazias. Nesse contexto, em concordância com Ging (2017), subgrupos da *manosphere* se beneficiam da transnacionalidade proporcionada pela internet para que seus ataques tenham maior alcance. Por meio de narrativas de sofrimento pessoal, conseguem construir um sentimento coletivo de que o homem está em perigo na sociedade atual devido ao avanço do feminismo. Entendemos que esse sentimento de ameaça pode ser relacionado à ameaça de perder os privilégios que são desfrutados pelos homens na sociedade patriarcal, principalmente os homens que fazem parte da masculinidade hegemônica.

Para atingir a finalidade de maior alcance e ter a liberdade de agir da forma que preferirem, estes grupos se beneficiam de plataformas que oferecem o anonimato. Massari (2017) destaca como a internet se tornou um ambiente propício para o surgimento e crescimento dos subgrupos pertencentes à *manosphere*, já que é um local em que se normalizou a toxicidade e o ódio característico destes grupos. Segundo a autora, as políticas das plataformas online são normas que irão encorajar alguns comportamentos e desencorajar outros. Nesse sentido, as políticas adotadas pelo *Reddit* são de baixo controle sobre os conteúdos publicados e oferecem anonimidade absoluta. Assim, essa anonimidade se torna um convite para *manosphere*. Segundo Ging (2017), esse contexto possibilita que tenham uma presença inflada nas diversas plataformas, agindo de diferentes formas em diferentes plataformas. Na medida em que plataformas em que não se tem tal anonimato garantido se tornam espaços de observação dos demais usuários com objetivo de identificar alvos de ataques coordenados, causando humilhação coletiva.

Como dito anteriormente, o universo de subgrupos dos movimentos masculinistas não se trata de grupos homogêneos. Nessa direção, Ging (2017) explana como se tem as facções *alpha*, que se identificam como masculinidade mais conservadora, e as betas, as masculinidades nerds. Partindo dessa diferenciação de masculinidades, a qual podemos entender também como uma hierarquização, percebemos como são colocados os modelos ideais de homem nos grupos. Sendo os homens *alpha* o modelo de homem mais forte, viril que irá obter sexualmente as mulheres, enquanto os betas não possuem essa característica, porém se for bem-sucedido financeiramente poderá disfrutar da vida sexual almejada, uma vez que as mulheres são consideradas por eles como seres simples e interesseiros.

6. CONCLUSÕES SOBRE AS RELAÇÕES ENTRE O NARCISISMO, MASCULINIDADE E A MANOSPHERE

Levando em conta a imagem feminina construída dentro da *manosphere* e a forma com que se dá a constituição da masculinidade, é possível relacionar alguns aspectos utilizando-se da teoria psicanalítica do Narcisismo. A partir dessas relações, é possível pensar em como se dá o funcionamento psíquico dos homens presentes nesses grupos, podendo chegar a uma noção sobre os fatores que contribuem para o comportamento extremista observado nessas comunidades.

Considerando os fatores históricos da construção da masculinidade citados nos tópicos anteriores desse trabalho, observa-se um padrão de homem em cada sociedade, devido a costumes, rituais e outros fatores socioculturais. No Brasil, muitos desses fatores foram influenciados pelo processo histórico passado pelo país, como a escravidão que instaurou um racismo estrutural na sociedade e conseqüentemente acabou sendo introjetado para a dinâmica hierárquica dos homens. O período colonial também deixou a herança de uma lógica subserviente, em que o homem hegemônico da época se manteve no poder ao longo do tempo, se naturalizando certos privilégios e comportamentos destes na sociedade. Dessa forma, chegamos à construção de uma masculinidade em que o homem branco hétero e cis assume o lugar de maiores privilégios na sociedade, podendo desfrutar de prazeres sem aprenderem a praticar a renúncia destes, podendo então utilizar da violência para obter o que deseja. Também se tem raciocínio de que as mulheres existem para satisfazer os desejos dos homens e não para realizar os seus próprios. Além delas, a outros indivíduos, como homens negros, não héteros e trans, suas existências também chegam a serem negadas em função de conservar a hegemonia masculina heterocisnormativa. Assim, como foi posto por Zanello (2018), podemos reafirmar que essa masculinidade foi construída baseada no embrutecimento dos homens, os quais não poderiam demonstrar sentimentos e fraquezas, e na inferiorização de mulheres e homens fora do padrão hegemônico. De forma que, a dominação do masculino foi mantida com base na cumplicidade dos homens, em um pacto silencioso. A misoginia constantemente presente foi uma das armas utilizadas pelo masculino, negar tudo que se aproxima do feminino se tornou norma.

Nesse sentido, se tratando de uma sociedade em que se tem esses pilares fortemente estabelecidos para a construção de seus homens, a construção do seu ideal masculino no processo do narcisismo também será baseada no homem misógino, racista e bruto que inferioriza mulheres e outras minorias o qual ele conviveu em sua infância e, por algum motivo, estabeleceu uma certa identificação.

O papel do homem como sujeito ativo, é posto como algo que deve ser reafirmado constantemente para que o homem se mantenha nesse lugar. Portanto, demonstrações de poder

são feitas em busca de uma aprovação de seus próprios companheiros homens. As performances sexuais e laborativa ocupam lugares centrais nessa dinâmica que funciona como uma espécie de duelo, para atingir o topo da cadeia e ser o “macho *alpha*”, já definido por Ging (2017).

Pensando na relação com ideais de masculinidade e o tratamento das mulheres como objeto de desejo, recorreremos às explicações de Freud (1914) sobre o Narcisismo como processo formador do *Eu* de cada homem e de seus ideais estabelecidos. De forma que, a inacessibilidade desses ideais resulta em sintomas observáveis, como ataques de ódio e repúdio ao outro diferente de si. Sendo ainda potencializado ao se misturar com questões políticas, uma vez que miram em movimentos feministas e pautas progressistas, levando-os a se aliarem ao campo político oposto. Tomando o campo político progressista como adversário e causa de suas angústias, pelo fato de que a desconstrução da masculinidade hegemônica é constantemente incentivada por eles. Ação essa que acaba por alimentar o discurso e o sentimento presente nos indivíduos pertencentes a *manosphere* de que o homem ideal, viril, e *alpha* está em crescente perigo na sociedade contemporânea.

Desse modo, podemos compreender como o discurso ultraconservador afeta homens que, devido à estruturação tida por seus narcisismos, buscam por um amor absoluto e reagem de forma violenta frente à frustração de não alcançar seu ideal masculino almejado. Assim como reagem à exposição dessa falha e à desconstrução da masculinidade por parte dos movimentos feministas. Uma vez que a presença da distância entre o *Eu real* e o *Eu ideal* se mantém inalterável e a tensão permanece constante, notamos as respostas dos grupos *manosphere* como significativas quanto a essa frustração.

Portanto, o ideal constituído estaria baseado no homem portador de virilidade sexual, virilidade laborativa, brutalidade, impenetrabilidade emocional e abusador de todos seus privilégios oferecidos pela sociedade patriarcal. Nesse contexto, o membro da *manosphere* se consideraria no mesmo lugar desse homem *alpha*, mesmo que não esteja perto de alcançar todas essas características. E está aqui o motivo para que o homem busque se reafirmar constantemente, a impossibilidade de atingir o ideal de macho *alpha*. Nesse sentido, as tentativas de distanciamento do feminino se revelam mais como uma tentativa de se aproximar do ideal, ao dizer que elas não podem ter tais privilégios. Assim como a ostentação de bens considerados de grande valor econômico como carros, mansões e aviões se torna uma forma de buscar produzir uma imagem mais próxima do ideal constituído por si mesmo. Assim sendo, a desconstrução dessa masculinidade, realizada pelas pautas feministas, ameaça a possibilidade fantasiosa de que estes homens alcançaram seu *ideal de Eu*. E por vezes, escancara neles o

distanciamento entre sua versão real e ideal, tendo como sintomatização os ataques violentos organizados pelos grupos formados pelo intuito de conservar a possibilidade de se ter a fantasia do seu homem ideal.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante o processo de estudo que resultou neste trabalho, sobre a natureza dos grupos masculinistas da *manosphere*, foi possível realizar uma leitura a partir da correlação entre a forma que foi concebido o narcisismo dos homens e a identificação destes pelos ideais dos grupos masculinistas. Visto que nos últimos anos, foi observado um grande aumento da atuação e exposição dos subgrupos tanto no meio virtual quanto em ações presenciais. O entendimento do Narcisismo e como este contribui para estruturação do indivíduo é de fundamental importância para a compreensão das escolhas feitas pelos homens em sua vida adulta, assim como esclarece a forma com que estes reagem ao terem a percepção de que estão sendo retirados da posição hegemônica de privilégios em que gozavam durante toda sua existência.

A análise feita sobre a construção da masculinidade nas sociedades ocidentais, especificamente na brasileira contemporânea, leva ao entendimento geral de como se dá o ambiente masculino em que são inseridos desde o início de suas infâncias. Exemplificado bem na metáfora da casa-dos-homens, e adicionando influências históricas brasileiras, como o racismo, a subserviência, a homofobia e o machismo bem-marcados. Desse modo, enxerga-se uma relação entre a sociedade patriarcal heteronormativa, que cria homens com certos valores enraizados, e a identificação com a *manosphere*, que prega os mesmos valores de forma radicalizada.

Diante disso, identificamos um campo vasto que não foi possível investigar apenas neste trabalho. Abre-se um leque de possíveis pesquisas a serem feitas, já que são diversos os subgrupos presentes na *manosphere*, cada um com suas particularidades, ainda com poucos trabalhos produzidos na área da Psicologia. A importância de explorar esses grupos seria a de entender suas particularidades como algo que diz sobre a estruturação do psiquismo de homens inseridos sociedade moderna, assim como diz sobre o meio que estes estão.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Maria das Graças. **Considerações sobre o narcisismo**. *Estud. psicanal.*, Belo Horizonte, n. 34, p. 79-82, 2010. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-34372010000200011&lng=pt&nrm=iso. acesso em 28 abr. 2024.

FERREIRA, Ezequiel Martins. **Psicanálise e arte: performances do eu em Jogo de cena**. 2023. 109 f. Tese (Doutorado em Performances Culturais) - Faculdade de Ciências Sociais, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2023.

FREUD, Sigmund. **Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos: 1914-1916**. In: *Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos: 1914-1916*. 2010.

GING, Debbie. **Alphas, Betas, and Incels: Theorizing the Masculinities of the Manosphere**. *Men and Masculinities*, v. 22, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/1097184X17706401>

HAROCHE, Claudine. **Antropologias da virilidade: o medo da impotência. História da virilidade**, v. 3, p. 15-34, 2013.

KIMMEL, Michael. **Feminism and Feminist Scholarship Today**. *Journal of Feminist Scholarship*, v. 1, n. 1, p. 11-12, 2011. Disponível em: <https://www.umassd.edu/jfs/past-issues/issue-1-fall-2011/kimmel/>. Acesso em: 28 jan. 2024.

MASSANARI, A. **#Gamergate and The Fappening: How Reddit's algorithm, governance, and culture support toxic technocultures**. *New Media & Society*, 19(3), 329-346, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/1461444815608807>

MEDEIROS, Raissa Rayanne Gentil de. **Quem violenta mulheres?: a construção social da masculinidade e sua influência na violência de gênero**. *Simpósio Gênero e Políticas Públicas*, v. 6, p. 2086-2101, 2020. Disponível em: <https://anais.uel.br/portal/index.php/SGPP/article/view/1199>. <https://doi.org/10.5433/SGPP.2020v6.p2086>

VILAÇA, Gracila; D'ANDRÉA, Carlos. **Da manosphere à machosfera: Práticas (sub) culturais masculinistas em plataformas anonimizadas**. *Revista ECO-Pós*, v. 24, n. 2, p. 410-440, 2021. DOI: 10.29146/ecopos.v24i2.27703. Disponível em: https://revistaecopos.eco.ufrj.br/eco_pos/article/view/27703. Acesso em: 20 abr. 2024.

VOKS, Douglas Josiel. **Virilidade e os discursos masculinistas: um “novo homem” para a sociedade brasileira**. *Sexualidad, Salud y Sociedad (Rio de Janeiro)*, 2021.

WELZER-LANG, Daniel. **A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia**. *Revista Estudos Feministas*, v. 9 n. 2, 2001. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2001000200008>. Acesso em: 22 mai. 2024.

ZANELLO, Valeska. **Saúde mental, gênero e dispositivos: cultura e processos de subjetivação**. Editora Appris, p. 175-268, 2018.